

2

Fundamentação teórico-metodológica

2.1

Estudos sobre a escola - O aluno como ator

Alguns autores colocaram-se como referência para o embasamento da pesquisa, interlocutores essenciais no desenvolvimento do trabalho. Rui Canário em seu livro *O que é a escola? Um “olhar” sociológico*¹, analisa o processo de “descoberta da escola”, afirmando que o reconhecimento da especificidade organizacional do estabelecimento de ensino, de sua identidade, dos efeitos que esse estabelecimento pode causar nas aprendizagens do aluno, começa a esboçar-se somente na década de 1970. O autor analisa essa quebra de paradigmas sobre o estudo da escola, apontando para uma crise do modelo de investigação empírica dominante até essa época, que priorizava a realização de relatórios extensivos orientados para a procura de relações estatísticas entre as características do ensino e os resultados obtidos pelos alunos. Esse modelo, por não conseguir dar respostas às novas questões impostas que vinham sendo colocadas, acaba se transformando, saindo do quantitativo para o etnológico, construindo novos objetos, baseando-se numa abordagem etnográfica da vida interna dos estabelecimentos de ensino, que não é estático e é único em suas especificidades, deixando de lado as análises macro do sistema.

Leila Alvarenga Mafra², ao estudar a Sociologia dos estabelecimentos escolares afirma que esse campo do conhecimento surgiu nos Estados Unidos e na Inglaterra, no final dos anos 1960, em decorrência da necessidade de se aprofundar o entendimento das relações entre as desigualdades na sociedade e os processos de ensino-aprendizagem que ocorriam no interior das escolas entre alunos de diferentes origens socioculturais. As metodologias quantitativas orientaram inicialmente os estudos, mas desde os anos 1970 as abordagens

¹ Especificamente o capítulo 4, Escola e sociologia da educação. In: CANÁRIO, Rui. *Op. cit.*, p. 51-88.

² Sobre a Sociologia dos estabelecimentos escolares ver: MAFRA, Leila Alvarenga. A Sociologia dos Estabelecimentos Escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em re-construção. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de e VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 109-136.

etnometodológicas, interacionista e etnográficas competiam entre si por maior espaço neste campo de pesquisa. Com esses estudos foi possível constatar que os estabelecimentos de ensino construíram uma identidade própria, sendo capazes de absorver elementos emanados do exterior, trabalhá-los internamente, reformulando-os por meio de uma dinâmica especial – a dinâmica da escola – que estava por ser melhor investigada e decifrada.

Somente nos anos 1980 este campo de estudo ganhou novo impulso, com a intensificação do uso de abordagens etnográficas e etnológicas na pesquisa educacional. Enquanto as pesquisas quantitativas sugeriam que a vida escolar produzia pouca diferença na vida dos estudantes e de seus professores, os estudos etnográficos mais voltados para as experiências vividas, as representações, significados e percepções dos alunos revelavam que a vivência escolar era extremamente importante para aqueles. A partir dessa década, os estudos sobre os estabelecimentos de ensino passaram a agregar um número maior de pesquisadores em diferentes países, ampliando-se as suas perspectivas de análise. Reconhece-se, então, a necessidade de se aprofundarem os processos socioculturais na constituição histórica da identidade desses estabelecimentos, como condição para se colocarem corretamente o seu significado social, sua importância na vida pessoal e profissional de alunos e professores.

Sendo assim, segundo Canário, o estabelecimento de ensino emerge como novo objeto científico através de um alargamento do campo de investigação, possibilitando novas perspectivas de “ler” a escola e interpretar os fenômenos escolares: percepção de que a ação dos professores não é resultante simples e direta das políticas estabelecidas a nível macro, o estabelecimento de ensino passa a ser enxergado enquanto organização social dotado de autonomia e características próprias, os procedimentos metodológicos passam a adequar-se aos objetivos e especificidades da ação educativa, com valorização de abordagens qualitativas de natureza etnográfica.

De uma forma geral, Canário aponta para o surgimento de uma nova concepção de escola, que deixa de ser entendida como unidade administrativa que prolongava a administração central, para ser encarada como organização social, inserida e articulada com um contexto local singular, com identidade e cultura próprias, produzindo modos de funcionamento e resultados educativos muito

diferenciados. O estabelecimento de ensino emerge como uma construção social cuja configuração e funcionamento têm como elementos decisivos a ação e interação dos diferentes atores sociais. Essa nova abordagem, que se traduz num novo olhar sobre a escola, permite verificar que as suas fronteiras não têm o caráter rígido, definitivo, mas possuem movimentos próprios que variam de acordo com as particularidades de cada instituição e seus atores. Essa “descoberta da escola”, com mudanças de abordagens, olhares, metodologias, paradigmas, acabou por dar um enfoque maior aos atores, nos sujeitos pertencentes a esse universo. Sendo assim, surgiram brechas à “descoberta do aluno”, evidenciando que os alunos desempenham um papel decisivo na sua própria socialização e aprendizagem na escola. Segundo Canário,

com verificação da incapacidade do antigo modelo de dar respostas às novas questões que começam a ser colocadas, surge uma pressão para ir do quantitativo para o etnológico, e construir novos objetos que correspondam a essa nova abordagem: as relações sociais na sala de aula, a organização do estabelecimento, as relações entre a escola e comunidade. Busca-se uma análise etnográfica da vida interna dos estabelecimentos de ensino, na qual os próprios atores são chamados a participar ativamente.³

Juarez Dayrell, trazendo a discussão para uma análise mais recente, reforça as idéias de Canário. Dayrell afirma que analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Segundo o autor, o reflexo desse paradigma emergente é um novo humanismo, que coloca a pessoa, enquanto autor e sujeito do mundo, no centro do conhecimento, com o privilégio para as ações dos sujeitos na relação com as estruturas sociais. Dayrell aponta para a questão de apreender a escola como construção social. Isso significa compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas sujeitos passivos diante da estrutura. E esse cotidiano escolar deve ser percebido como

³ CANÁRIO, Rui. *Op. cit.*, p. 52.

fortemente marcado por uma trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos. A escola não é estática e passiva, submissa “ao de fora”, mas produz relações próprias, produz uma cultura peculiar, que é construída a partir das ações dos atores envolvidos.

O que aparece como novidade não é o interesse da sociologia pela criança e pelo aluno, afinal, esse é um tema bastante explorado por esse campo. O que ocorre é uma ruptura com a perspectiva de encarar a criança ou o aluno como um mero objeto pedagógico. Segundo Perrenoud, o que passa a estar em pauta não é apenas saber como os adultos socializam a criança, mas saber como a criança apreende essa prática socializadora advinda do mundo adulto. Usando o conceito de ofício de aluno, que o autor define como

a relação estratégica que o aluno estabelece com a organização escolar, traduzida pela sua capacidade de utilizar as regras e, ao mesmo tempo, agir sobre elas, construindo diferentes tipos de estratégias, com graus variáveis de eficácia, com a finalidade de proteger os seus interesses, a sua tranqüilidade e a sua liberdade contra as exigências dos adultos e, em particular, dos professores,⁴

Perrenoud afirma que, na maioria dos casos, para os alunos o essencial é sobreviver na escola, criando mecanismos que permitam essa sobrevivência. Há alunos que precisam se esforçar mais, outros menos, mas todos percebem que precisam dar conta de seu ofício. Para o autor, a lógica da maioria dos alunos é sobreviver a cada período escolar, e não aprender por prazer ou por curiosidade, respondendo as necessidades pessoais. Dessa forma, Perrenoud evoca a questão do sentido dos saberes quando enfatiza que, na nossa sociedade, os jovens têm uma identidade principal, a de aluno, cujo ofício é o de aprender. Porém, se não aprendem com a facilidade, rapidez e agilidade que os adultos gostariam, se não se integram à escola como os adultos acham que deveria ser, não é porque não estão dispostos ou renunciado a isso, mas por, talvez, não encontrarem sentido suficientemente convincente nesses saberes, a ponto de se mobilizarem. Por isso, a construção de sentido é vital para a aprendizagem do aluno, essencial para o sucesso ou insucesso escolar.

⁴ PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e o sentido do trabalho escolar**. Porto: Porto Editora, 1995, p. 61.

Charlot, seguindo essa mesma linha de pensamento, afirma que a criança só pode obter sucesso na escola, aprender de fato, se estudar. No entanto, ela só estudará se a escola e o fato de aprender fizerem sentido para ela. A questão do sentido deve, portanto, preceder a da competência. O autor, então, interroga-se: que sentido tem para a criança o fato de ir para a escola e aprender coisas, o que a mobiliza no campo escolar, o que a incita a estudar, o que significa aprender para essa criança?

É diante desses referenciais que o presente trabalho apóia sua problemática quando questiona sobre o sentido da experiência escolar para os alunos. Rui Canário, Phillipe Perrenoud e Bernard Charlot são, então, os interlocutores-chaves para a pesquisa.

2.2

Caminhos da pesquisa

Baseando-se nas idéias de Canário sobre a “descoberta da escola”, com todas as reformulações e quebras de paradigmas já mencionadas, a presente pesquisa realiza um estudo de inspiração etnográfica, de abordagem qualitativa, justamente por essa metodologia permitir ao pesquisador um envolvimento mais direto com o ambiente social que intenta investigar. A etnografia configura-se como uma abordagem da pesquisa antropológica desenvolvida para estudar a cultura e a sociedade. Amplamente utilizada por diversas áreas do conhecimento, essa abordagem delineia-se como rico instrumento capaz de proporcionar uma maior aproximação do pesquisador com o objeto investigado. Com isso, favorece a percepção dos significados do cotidiano, permitindo ao pesquisador compreender o contexto e o comportamento a partir do ponto de vista dos atores. Por permitir essa maior aproximação com o universo pesquisado é que a etnografia mostra-se como a abordagem que mais se adéqua a presente pesquisa. Foi inspirada em seus eixos de análise que esse estudo fundamentou seus instrumentos de coleta e interpretação de dados.

Na tentativa de compreender o sentido que os jovens atribuem à experiência escolar, a investigação na escola tornou-se inevitável. Era necessário entrar em contato com esses jovens, ouvi-los, analisá-los. Foi preciso, como

afirma Vera Candau, pisar no chão da escola! Com isso, o primeiro passo para a coleta de dados foi a pesquisa de campo, com a entrada na escola para, primeiramente, observar o cotidiano desses alunos no ambiente escolar. A observação direta permite ao pesquisador que penetre na perspectiva dos sujeitos, tentando perceber suas visões de mundo e os significados que atribuem às suas experiências diárias, às suas ações cotidianas, ao contexto no qual se encontram inseridos. Permite ainda que o pesquisador perceba novos aspectos desse cotidiano que, muitas vezes, não eram perceptíveis fora do campo, possibilitando, então, novas perspectivas de análise.

A instituição de ensino selecionada para a realização da pesquisa foi uma escola da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro, localizada em uma grande cidade da Baixada Fluminense. A escolha do local está fundamentada na carência de pesquisas que analisem essa região, pois, na maioria das vezes, as pesquisas concentram sua atenção nas zonas norte, sul e oeste da cidade. A Baixada Fluminense torna-se, então, um local muitas vezes esquecido por parte dos pesquisadores, por isso, tão carente de pesquisas.

Os jovens escolhidos para a realização da pesquisa foram os que se encontravam no 9º ano do Ensino Fundamental (antiga 8ª série), turno da tarde. Tal escolha baseou-se no pressuposto de que, nessa faixa etária (13, 14, 15 anos), o jovem já teria maturidade suficiente, sendo capaz de perceber, analisar, refletir sobre o sentido, importância, espaço que a escola ocupa em sua vida. O total de alunos existente na turma pesquisada era de 34 alunos.

O primeiro passo da investigação estabeleceu-se através da observação. Segundo Van Velsen, o observador deve registrar as rotinas, os fenômenos corriqueiros, assim como o inesperado, o esporádico⁵. Nesse sentido, o diário de campo torna-se o principal instrumento do pesquisador para o registro das informações e posterior análise. Dessa forma, cada aula observada, cada fala, cada fato considerado relevante era cuidadosamente registrado em um diário. Havia um roteiro de observação que deveria ser seguido a cada aula observada. Existiam critérios comuns a serem observados em cada aula: horário de início e

⁵ VAN VELSEN, J. A análise situacional e o método de estudo detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, B. (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**. Global Universitária, p. 360.

término da aula, características gerais do professor (idade aproximada, roupas, tom de voz, organização pessoal, relação com os alunos, controle de turma, metodologia de aula, prioridades) aproveitamento do tempo, postura da turma em relação à aula e ao professor (“respeitam” ou não o professor, parecem gostar da aula, mostram-se interessados pelo assunto proposto, cumprem as tarefas, participam dando opiniões e interagindo, há espaço para dispersão ou conversas paralelas?) organização das carteiras, limpeza da sala. Além disso, havia os registros das falas e comentários ouvidos pelo pesquisador (tanto dos professores quanto dos alunos) e das impressões que o ambiente transmitia.

As observações eram feitas dentro da sala de aula, com autorização prévia da direção da escola e dos professores. As aulas observadas foram de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Educação Física e Artes⁶, no período de setembro a dezembro do ano de 2009. Além das observações das aulas, foram observadas a hora de entrada e saída dos alunos da escola, a hora do recreio, um passeio pedagógico e uma apresentação teatral elaborada pelos alunos na própria escola – parte da avaliação final da disciplina de Língua Portuguesa.

Com o objetivo de penetrar ainda mais no universo pesquisado, foi aplicado aos alunos um questionário⁷. Nesse questionário existiam perguntas direcionadas a um reconhecimento do perfil sócio-econômico do grupo de alunos selecionados para a pesquisa. Além dos dados sócio-econômicos, o questionário continha perguntas direcionadas ao objetivo maior da pesquisa, que era compreender o sentido da experiência escolar para os alunos.

No início, quando a pesquisa foi pensada em termos de projeto, como principal instrumento estavam os inventários do saber, utilizados por Bernard Charlot⁸ em sua pesquisa realizada com escolas da periferia parisiense, entre 1992 e 1994, sobre o significado que os adolescentes dos meios populares atribuíam ao

⁶ As disciplinas de Inglês e Ensino Religioso não puderam ser observadas pela incompatibilidade de horários.

⁷ Questionário elaborado pelo SOCED - Grupo de pesquisas em Sociologia da Educação - desenvolvido no Programa de Pós-graduação da PUC-Rio - e adaptado para o presente estudo. Sua reprodução foi gentilmente autorizada pela Professora Doutora Zaia Brandão, coordenadora do grupo de pesquisa.

⁸ CHARLOT, Bernard. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 97, maio 1996, p. 48.

fato de irem à escola e aprenderem coisas. Esse inventário consistia em pequenas “redações”, elaborada pelos alunos, em que estes escreveriam sobre o que aprendiam, o que pensavam a respeito da escola, relatando sobre sua experiência escolar. No entanto, após algumas reuniões de orientação, chegou-se a conclusão que a aplicação de um questionário que investigasse, além dos dados sócio-econômicos, questões diretas da pesquisa, seria muito útil, pois poderia reunir uma quantidade rica de dados, possibilitando uma visão geral, um pouco mais concreta e direta da realidade investigada, o que facilitaria muito a análise, principalmente se tratando de uma pesquisa de mestrado, com um pesquisador ainda pouco experiente. A preocupação maior era que um banco de dados fosse formado, pois se basear na análise de textos escritos pelos alunos, apenas com questões abertas, poderia trazer uma infinidade de variáveis muito amplas, deixando escapar o foco principal da pesquisa. Era uma forma de centrar mais a análise, facilitando uma posterior interpretação dos dados.

O questionário⁹ encontrava-se dividido em blocos (1- Trajetória escolar, 2-Avaliação da escola, 3- Sala de aula, 4- Professores, 5- Uso do tempo, 6- Cultura, 7- Sua família e sua casa, 8- Sobre você). Sua aplicação foi realizada durante uma aula, com autorização da professora, que parecia bastante interessada pela pesquisa. Essa professora mostrou-se bastante solícita, sempre disposta a colaborar com o andamento da pesquisa. Ela também parecia bastante curiosa em compreender o que os alunos pensavam sobre a escola. No total foram aplicados 34 questionários. Após uma conversa prévia sobre a pesquisa com os alunos, em que ficaram esclarecidos os motivos que levaram ao pesquisador a estar pesquisando tal questão, todos aceitaram livremente responder ao questionário sem nenhuma resistência. Todos devolveram o questionário assim que acabaram de responder, antes do reinício da aula.

Além dos questionários foram realizadas duas oficinas – a primeira aplicada em outubro e a segunda em novembro. Essas oficinas consistiam em um bate papo introdutório com os alunos, onde estes declaravam o que pensavam

⁹ Os questionários e oficinas realizadas com os alunos encontram-se em anexo.

sobre a escola, sobre a experiência escolar, sobre irem à escola todos os dias. A turma era dividida em dois grupos (de 17 alunos cada) para facilitar o diálogo e possibilitar a captação das vozes pelo gravador. Após essa conversa, com os alunos mais a vontade, sentindo-se mais livres para expressarem suas opiniões, eles respondiam algumas questões por escrito que revelavam o que pensavam sobre a escola, sobre o lugar da escola em suas vidas. Na realidade essas atividades seguiam os parâmetros dos inventários do saber de Bernard Charlot, no entanto, eram mais abertas, pois davam espaço ao diálogo. Como já havia sido aplicado o questionário, nas questões das oficinas os alunos respondiam livremente, sem qualquer intervenção do pesquisador, falando sobre o que pensavam, o que gostavam ou não na escola.

A segunda oficina foi mais produtiva do que a primeira. Nesse segundo momento os alunos estavam menos tímidos para expressarem suas opiniões. Talvez essa mudança de atitude dos alunos esteja ligada ao tempo do pesquisador em campo. Na primeira oficina, o contato entre pesquisador e alunos era bastante formal. Apesar de o pesquisador ter explicado sobre a pesquisa aos alunos, parece que a primeira oficina serviu para “quebrar o gelo”. A aplicação do questionário não foi suficiente para que os alunos se sentissem completamente a vontade com o pesquisador. Após a primeira oficina os alunos mudaram de atitude e até se aproximavam do pesquisador para conversar, dar opiniões sobre a escola – mesmo quando não solicitadas – falar sobre o que pensavam em relação a determinados professores ou fatos ocorridos durante a aula. Por isso, na segunda oficina, estavam mais a vontade para dizerem o que realmente pensavam, mesmo quando suas opiniões eram consideradas ruins ou negativas em relação ao ambiente escolar – um julgamento estabelecido por eles próprios.